

Prostituição e assaltos dominam SCS à noite

Mário Chimanovitch

A partir das 7h da noite, todos os dias, o Setor Comercial Sul transforma-se em "terra-de-ninguém". A prostituição toma de assalto a região, atraindo a si a presença de marginais e traficantes que fazem do lugar uma área temida sobretudo para as pessoas que trabalham até mais tarde em escritórios comerciais ou até mesmo nas redações de sucursais de jornais de outros estados.

É comum, todas as noites, mulheres desacompanhadas pedirem a porteiros de prédios onde trabalham — Denasa, Márcia, Oscar Niemeyer, entre tantos — que as levem até o local onde seus carros estão estacionados. O medo de assaltos ou violência sexual é grande.

"Já houve noite em que me vi surpreendida por dois ou três elementos que vinham em minha direção no momento em que abria a porta do meu carro. Tive a sorte em conseguir sair rápido, pois tenho a certeza de que seria assaltada", conta R., de 28 anos, encarregada da contabilidade de um escritório de representações que costuma trabalhar além do expediente comercial mais de uma vez durante a semana.

"O problema não são as prostitutas e nem os travestis, mas sim os bandos que se juntam em torno dessa gente", diz L., repórter da surcural de um jornal carioca. Ela diz que é comum transitarem viaturas de ronda da Polícia Militar pela área, mas aparentemente em missão de observação, porque os grupos não são dispersos e nem sequer identificados, segundo ela.

Deserto — O local, na realidade, pessimamente iluminado configura-se como ideal para a prática de assaltos, roubo de carros ou

CARLOS JACOBINA



A prostituição toma conta da região, atraindo marginais e traficantes que tornam o SCS uma área temida

agressões a mulheres. A partir das 7h da noite fica praticamente deserto e os carros que por ali circulam, àquela hora em número bastante reduzido, conduzem invariavelmente clientes potenciais de prostitutas e travestis. "Jane" (nome fictício), uma das garotas de programa que fazem ponto no SCS, afirma que os marginais agem por conta própria e, são sistematicamente evitados por aquelas que estão "na vida".

Gaúcha, de 24 anos, há pouco tempo em Brasília, "Jane" que chegou a estudar Pedagogia até abandonar a família e ingressar na prostituição, lamenta que sua atividade seja invariavelmente asso-

ciada à idéia de crime e marginalidade da pesada. Ela diz que é comum ocorrerem choques entre as meninas da noite e marginais.

"Nós mesmas temos sido vítimas de tentativas de assalto e não é incomum tomarmos conhecimento de que alguns desses bandidinhos acabem com a cara cortada quando se metem com algum travesti", conta ela. "Jane" revela inclusive que já livrou algumas moças — "comerciárias" — do assédio de marginais que tentavam atacá-las à saída do trabalho. "A polícia, infelizmente, chega sempre atrasada", diz com ironia a jovem prostituta.

Medo — Manoel, porteiro de um dos edifícios da região, diz que já presenciou "muita coisa ruim", mas que nada tem podido fazer, uma vez que trabalha sozinho. Ele afirma que já viu muitas moças e senhoras serem assaltadas por grupos de três ou quatro rapazes, mas que tem certeza de que as prostitutas ou travestis que nada têm a ver com isso.

"Eu às vezes grito com eles (com os ladrões), mas não posso me expor muito porque trabalho sozinho e tenho medo de levar um tiro", desabafa o porteiro. Segundo ele, as viaturas da PM circulam bastante pela área, mas "os caras são muito atrevidos".